

Terremoto, perdas e escrita em *Inventaires*, de Stéphane Martelly /

Séisme, pertes et écriture en Inventaires, de Stéphane Martelly


Raquel Ladeira Pereira *

Graduada em Letras – Português e Francês pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, em Rio Grande/RS, Brasil e mestre em Letras, na área de História da Literatura, na mesma universidade. Atualmente é doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FURG.

 <https://orcid.org/0000-0002-9073-3667>

Diego Grando **

Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/Capes). Doutor em Letras – Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Áreas de atuação: Escrita Criativa, poesia, ensino de literatura.

 <https://orcid.org/0000-0001-8907-8864>

Normelia Maria Parise ***

Professora adjunta de Língua, cultura e literaturas francófonas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Mestrado em Estudos Francófonos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorado em Literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-doutorado na Université Paris8.

 <https://orcid.org/0000-0001-8201-6679>

Recebido em: 05 mai. 2022. **Aprovado** em: 03 out. 2022.

Como citar este artigo:

PEREIRA, Raquel Ladeira; GRANDO, Diego; PARISE, Normelia M. Terremoto, perdas e escrita em *Inventaires*, de Stéphane Martelly. *Revista Letras Raras*, v. 11, p. 168-185, nov. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8072713>

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar a escritora, poeta, pintora e pesquisadora haitiana Stéphane Martelly (Porto Príncipe, 1974), ainda inédita no Brasil, dando ênfase a sua produção poética, sobretudo a coletânea *Inventaires*, publicado em 2016, através do comentário sobre alguns dos poemas contidos nessa obra. Para isso, empreendemos

*

 raqueeeelpereira@gmail.com

**

 grando.diego@gmail.com

 normiparise@gmail.com

a tradução para o português dos poemas comentados, o estudo sobre a história recente do Haiti, especialmente as crises políticas e o terremoto de 2010, que atingiu o país, bem como a leitura de textos de Édouard Glissant, autor que é tanto referência teórica nos ensaios de Martelly sobre literatura quanto objeto de sua tese de doutorado. Quanto à tradução dos poemas e o trabalho de interpretação, a dupla ou até mesmo tripla identidade de Stéphane Martelly (linguística, cultural e literária), o exílio, o evento trágico de janeiro de 2010, constituem elementos importantes para a compreensão e interpretação da poética elíptica de *Inventaires*, bem como os ensaios de literatura da autora e a conversa concedida por ela.

PALAVRAS-CHAVE: Stéphane Martelly; *Inventaires*; poesia; opacidade; tradução.

RÉSUMÉ

Cet article entend présenter l'écrivaine, poétesse, peintre et chercheuse haïtienne Stéphane Martelly (Port-au-Prince, 1974), encore inédite au Brésil, en mettant l'accent sur sa production poétique, notamment le recueil Inventaires, publié en 2016, à travers le commentaire sur quelques poèmes inclus dans cette œuvre. Pour ce faire, nous avons, d'abord entrepris la traduction pour le portugais des poèmes commentés, la prise en compte de l'histoire récente d'Haïti, bien que la lecture de textes d'Édouard Glissant, auteur qui est à la fois référence théorique aux essais de Martelly sur la littérature et objet de sa thèse de doctorat. Pour ce qui est de la traduction des poèmes et du travail d'interprétation, la double, ou même triple identité de Stéphane Martelly (linguistique, culturel et littéraire), l'exil, l'événement tragique de janvier 2010 constituent des éléments importants pour la compréhension et l'interprétation de la poétique mise en œuvre dans Inventaires, ainsi que les essais de littérature de l'auteure et la conversation qu'elle nous a accordée.

MOTS-CLÉS : Stéphane Martelly, *Inventaires* ; poésie ; opacité ; traduction.

1 Introdução

Stéphane Martelly é uma escritora, poeta, pintora, pesquisadora e professora haitiana, nascida em Porto Príncipe no ano de 1974. Formada em Ciências da Educação pela Universidade Quisqueya, no Haiti, em 1996, Martelly obteve grau de mestre em Estudos Franceses e fez doutorado em Literaturas de Língua Francesa pela Universidade de Montreal. Atualmente, leciona na Universidade de Sherbrooke, no Canadá. Até o presente momento, a autora publicou diversos livros, alguns de crítica literária, outros de ficção e seis de poesia. É importante destacar que não há traduções das obras de Martelly para o português.

No decorrer deste artigo, serão traduzidos e comentados alguns de seus poemas, todos integrantes da coletânea *Inventaires*, publicada em 2016. Em alguns casos, faremos referência a comentários da própria autora, que gentilmente nos concedeu uma entrevista, em 22 de julho de 2021. Foi uma conversa bastante agradável, que permitiu esclarecer algumas dúvidas sobre seu trabalho poético, visto que sua poesia causa um estranhamento em uma primeira leitura, resistindo à interpretação.

Nossa leitura incluirá o que Gérard Genette chama de *paratexto*, isto é, tudo aquilo que envolve o livro – título, capa, contracapa, editora etc. –, e de *epitexto*, que são as entrevistas dadas pelo autor ou pela autora, antes ou durante a publicação, suas correspondências ou ainda seus diários íntimos (GENETTE, 1987, p. 374).

Na leitura que propomos aqui, exploraremos o paratexto, sobretudo do título, *Inventaires*, e da imagem de um quipu na capa. Há uma espécie de redundância entre o título e a imagem no sentido de que o quipu, na cultura Inca, é um instrumento que pode servir para fazer inventários. Quanto ao epíteto, a conversa com a autora, assim como seu ensaio crítico sobre a obra de Magloire-Saint-Aude, serão convocados na medida em que projetam uma luz sobre a opacidade da poesia de *Inventaires*, a qual nos parece pertencer a uma “*poétique de l’opacité*”: a figuração do sujeito lírico, a figuração do espaço (entre o *dedans* e o *dehors*) e as construções sintáticas, caracterizadas por uma retórica elíptica, produzem efeitos de indeterminação e de silêncio.

Inventaires é um pequeno livro, mas portador de grande conteúdo. O título da obra, “inventários”, remete aos documentos que descrevem detalhadamente o patrimônio de uma pessoa falecida, a fim de tornar possível a partilha de seus bens a seus herdeiros. Conforme registra o *Dictionnaire de l’Académie Française*, *inventaire* é um termo da jurisprudência que designa: “Memória, estado sobre o qual são enumerados e descritos, artigo por artigo, os bens, móveis, títulos, documentos de uma pessoa”¹ (INVENTAIRE, 2021). Ainda segundo o dicionário, trata-se de: “Recenseamento minucioso, revisão detalhada de um aglomerado de coisas; lista, súmula que estabelecemos no curso desta operação”². Um outro sentido atribuído ao termo, desta vez relativo ao comércio, significa: “Enumeração e avaliação das mercadorias em loja e apreciação do ativo e do passivo, a fim de constatar os ganhos e perdas e de estabelecer o balanço”³.

Com esses sentidos em mente, os inventários sugeridos pelo título da coletânea de poemas seriam inventários produzidos após o terremoto de 2010, vivido pelos haitianos como mais uma experiência traumática que provocou perdas irreparáveis. Diferentemente, porém, das acepções do termo, o inventário proposto pela autora parece corresponder ao seu avesso, visto que os poemas evidenciam justamente as coisas que faltam, e não as que restam, como o próprio sujeito lírico coloca no primeiro poema do livro, “Pourquoi”, que será analisado adiante.

No livro *Tectonic Shifts: Haiti Since the Earthquake*, organizado pelo professor de antropologia Mark Schuller e Pablo Morales, um dos editores e autores da *NACLA (North American Congress on Latin America)*, tem-se a seguinte informação:

¹ Tradução nossa. No original: “Mémoire, état dans lequel sont énumérés et décrits, article par article, les biens, meubles, titres, papiers d’une personne”.

² Tradução nossa. No original: “Recensement minutieux, revue détaillée d’un ensemble de choses ; liste, état récapitulatif qu’on établit au cours de cette opération”.

³ Tradução nossa. No original: “Dénombrement et évaluation des marchandises en magasin et appréciation de l’actif et du passif, afin de constater les profits et pertes et d’établir le bilan”.

O terremoto que atingiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010 será para sempre lembrado como um dos desastres mais mortais do mundo. Por 35 segundos, a terra tremeu e reduziu a nação – que já sofria com o peso histórico da escravidão, subdesenvolvimento, imperialismo e divisões internas intensas – em ruínas. Uma a cada sete pessoas encontrou-se repentinamente sem teto, enquanto mais de 316.000 pessoas perderam suas vidas, de acordo com estimativas oficiais. (SCHULLER; MORALES, 2012, p. 1)⁴

Em sua história, o Haiti resiste aos numerosos traumas vividos por catástrofes naturais e pela violência política e socioeconômica da ingerência externa e de seus governos. É o que Martelly faz com seu livro: conforme descrito na contracapa, ela escreve um inventário com base em todo um mundo que se desintegrou, adentrando tanto em objetos quanto em emoções e conversas: “A poesia do inventário é aquela da lista e da carência, da falta, da ascese e da fabricação. A escrita que permanece se faz então contagem (inventário), possibilidade (invenção) e argumento (inventio).”⁵

2 A poesia de Stéphane Martelly

O terremoto que impactou a vida dos haitianos também impactou a produção literária do país. Na entrevista concedida pela autora (MARTELLY, 2021), questionamos se ela estava em seu país de origem quando o terremoto aconteceu: ela respondeu que não, mas afirmou que, mesmo assim, esse evento trágico teve uma repercussão importante em sua vida e seu trabalho. Na época do terremoto, a autora trabalhava como coordenadora de um projeto no Canadá, no qual entrevistava haitianos que haviam sido deslocados de suas terras em razão de diferentes movimentos políticos que vinham acontecendo, e muitos participantes desse projeto perderam entes queridos na catástrofe.

Martelly ainda destacou que as perdas vividas pelo país dizem respeito tanto ao patrimônio material quanto ao imaterial: como o terremoto atingiu sobretudo a capital de Porto Príncipe e seus arredores, foram destruídos os prédios que abrigavam os arquivos, os espaços de arte da cidade,

⁴ Tradução nossa. No original: “The earthquake that struck Haiti on January 12, 2010, will forever be remembered as one of the world’s deadliest disasters. For 35 seconds the earth shook and reduced a nation – already struggling with the historical weight of slavery, underdevelopment, imperialism, and intense internal divisions – to rubble. On in seven people were suddenly rendered homeless, while as many 316,000 people lost their lives, according to official estimates.”

⁵ Tradução nossa. No original: “La poésie de l’inventaire est celle de la liste et du défaut, de l’ascèse et de la fabrication. L’écriture qui demeure se fait alors décompte (inventaire), possibilité (invention) et argument (inventio).”

o patrimônio arquitetural, com o desabamento do Palácio Nacional e do Palácio de Justiça, assim como estabelecimentos de ensino.

Em sua tese de doutorado, Martelly (2016b, p. 3) afirma que o terremoto delimita o “contemporâneo literário haitiano”, que para ela se situa entre o final dos anos 1960 e a fatídica data de 12 de janeiro de 2010. Em seus textos de crítica literária, que buscamos ler para tentar compreender melhor a escrita poética e as motivações de *Inventaires*, Martelly destaca:

Na verdade, a virada do milênio na literatura haitiana é marcada por diversas grandes tendências e fenômenos: inquietude no nível da expressão identitária, sentimento global de uma perda de sentido, de um fracasso ou de uma derrota, figuras sombrias de loucura e de desastre na paisagem contemporânea e, de maneira aparentemente destacada, aparição de personagens e de figuras femininas importantes nas obras de todos os gêneros. (MARTELLY, 2016b, p. 3)⁶

Questionada a respeito da presença da identidade haitiana em sua poesia, a autora entende que essa identidade se faz presente de forma acidental, visto que o Haiti não é sempre o tema de sua obra poética, mas está em todos os seus poemas pelo fato de fazer parte de sua história. Ela afirma, inclusive, que a partir do século XIX o povo haitiano conseguiu criar uma identidade perfeitamente emancipada, fora dos sistemas coloniais e escravagistas (MARTELLY, 2021). Essa afirmação lembra uma passagem de Édouard Glissant:

O que acontece no Caribe durante três séculos é, literalmente, o seguinte: um encontro de elementos culturais vinculados de horizontes absolutamente diversos e que realmente se criouizam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo – a realidade crioula. (GLISSANT, 2005, p. 17-18)

É sobre isso que Martelly fala: sobre uma identidade original e independente da validação exterior. A seguir, discutiremos alguns de seus poemas retirados de *Inventaires*. É importante reiterar que o título da obra antecipa muito de seu conteúdo: a autora cria um inventário de coisas pertencentes a um mundo arruinado pela tragédia; os poemas ambientam o sentimento de perda,

⁶ Tradução nossa. No original: “En effet, le tournant du millénaire en littérature haïtienne est marqué par plusieurs grandes tendances et phénomènes : inquiétude au niveau de l’expression de l’identité, sentiment global d’une perte de sens, d’une dérouté ou d’une défaite, sombres figures de folie et de désastre dans le paysage contemporain et, de manière apparemment détachée, apparition de personnages et de figures féminines majeures dans des œuvres de tous les genres.”

de despertamento, que podem vir a dialogar com a experiência vivida pelos haitianos cuja história é marcada pela resistência às ameaças contra sua própria existência de povo.

3 Tradução e comentários de *Inventaires*

Antes de traduzir e analisar individualmente alguns dos poemas presentes na coletânea *Inventaires*, é oportuno discorrer rapidamente sobre o conceito de opacidade, desenvolvido por Édouard Glissant, noção que, de acordo com a própria autora, faz parte também de sua criação poética. O teórico lança mão desse conceito a partir do entendimento de que é impossível compreender completamente o outro (GLISSANT, 2008). Segundo Glissant:

Posso então conceber a opacidade do outro para mim, sem que eu cobre minha opacidade a ele. Não necessito “compreendê-lo” para sentir-me solidário a ele, para construir com ele, para amar o que ele faz. Não necessito tentar tornar-me o outro (tornar-me outro) nem “fazê-lo” à minha imagem. (GLISSANT, 2008, p. 55)

Na conversa com a autora (MARTELLY, 2021), ela relatou que o haitiano Magloire-Saint-Aude (1912-1971) é um dos poetas que mais a influenciou, a ponto de realizar um estudo crítico de sua poesia⁷, no qual aborda a opacidade presente em sua obra: sua poesia não é óbvia, há muitos elementos que provocam estranhamento no leitor. Ainda assim, sua poesia é encantadora, e talvez a própria dificuldade de compreensão seja a razão disso.

Logo, por mais que não se compreenda completamente o que um poeta está dizendo num poema, é possível simpatizar com sua obra. O próprio mistério da não compreensão instiga o leitor a aprofundar o estudo de um dado poeta. Martelly diz que, para ela, essa opacidade é sedutora. Conforme vierem, a seguir, os poemas comentados, essa questão se tornará mais palpável. A entrevista com a autora possibilitou uma melhor compreensão de seu projeto poético, ainda que alguns trechos permaneçam opacos, opacidade esta que deriva de um fazer poético fortemente marcado pela elipse e pela indeterminação do sujeito lírico e do espaço da representação. Na etimologia da palavra “elipse”, derivada do latim imperial, encontramos “omissão”, palavra esta derivada do grego antigo (*élleipsis*), que significa “falta”, “insuficiência”.

Começaremos pelo primeiro poema do livro, intitulado “Pourquoi”, em sua versão original – em francês – e em nossa tradução:

⁷ MARTELLY, Stéphane. *Le sujet opaque: une lecture de l'œuvre poétique de Magloire-Saint-Aude*. Paris : L'Harmattan, 2001.

Pourquoi

Je fais des listes parce que
Je n'ai pas le temps

Pour projeter un temps
Scandé
D'ordre et de mesure

Pour le décompte

Pour l'inventaire des choses qui
Manquent

Au cas où

Pour que tu saches que
J'y avais pensé
Mais qu'il n'y en avait pas

Por que

Eu faço listas porque
Eu não tenho tempo

Para projetar um tempo
Escandido
De ordem e de medida

Para o cômputo

Para o inventário das coisas que
Faltam

No caso de

Para que tu saibas que
Eu tinha pensado
Mas que não havia

Tematizando o próprio ato de fazer listas, o poema de abertura funciona como uma carta de intenções do livro, o que lhe confere teor metalinguístico: ainda não é uma lista, e sim uma apresentação das listas que virão e que, em conjunto, constituirão esse inventário – termo, aliás, que também ocorre no poema – que é *Inventaires*. Mas a escolha pelos versos curtos, assim como o recurso às estruturas anafóricas (introduzidas por “Eu” nos versos 1 e 2 e por “Para” nos v. 3, 6, 7 e 10), dialogam visualmente com as listas – formas textuais verticalizadas, ordenadas e descontínuas. Ou seja, o poema ainda não é uma lista, porém já funciona como uma.

Em entrevista ao jornal *Le Nouvelliste* (GILLES; PIERRE, 2016), Stéphane Martelly afirma que o primeiro verso desse poema define toda a sua abordagem, argumentando que “quando tudo entra em colapso e tudo falta – incluindo o tempo que nos é dado – nós fazemos listas”⁸. A autora completa o raciocínio dizendo que “nós contamos principalmente quando temos poucas coisas, quando as coisas e as pessoas vêm a faltar”⁹. Essas declarações da poeta colocam em evidência o projeto poético subjacente a *Inventaires*, marcado pela temática “*du défaut*”, “*du manque*”, “*de*

⁸ Tradução nossa. No original: “Quand tout s’effondre et que tout fait défaut – y compris le temps qui nous est compté – on fait des listes.”

⁹ Tradução nossa. No original: “[...] on compte surtout quand on a peu de choses, quand les choses et les personnes viennent à manquer.”

la déroute” e “*de l’insuffisance*”, e por uma poética da elipse. A falta é ao mesmo tempo razão do inventário, possibilidade de invenção e a própria figura retórica da poética de *Inventaires*.

As listas permitem inventariar aquilo que restou em meio à destruição, assim como possibilitam a criação disso que chamamos de “inventário”, que intitula o livro. Ainda na mesma entrevista ao jornal (GILLES; PIERRE, 2016), Martelly comenta que, por mais que o inventário sugira, primeiramente, certa opulência, visto que, em geral, se fazem inventários de pessoas que faleceram e que possuíam riquezas, bens, por assim dizer, ela utiliza a palavra em um sentido que pode parecer contraditório, pois indica a falta. E completa alegando que essa palavra pode ter outro desdobramento: podemos, a partir dos inventários, ouvir a palavra “inventar”, o que é próprio da criação, da fabricação de uma poética que quer fazer falar a necessidade e ao mesmo tempo a dificuldade de criar diante da urgência do cômputo, do inventário e da “*désespérance d’habiter*”.

Na perspectiva da autora, portanto, há uma relação íntima entre lista, falta e criação: diante da experiência da destruição e da urgência da vida (a falta de tempo tematizada), a única ação possível é fazer listas, inventariar como forma de inventar a própria existência após a catástrofe. Porém, em outro momento, enquanto o cômputo dos mortos, dos desaparecidos e das testemunhas é feito, o sujeito lírico exprime sua afasia, sua dificuldade de desfazer nós e fazer listas. Em um gesto metapoético, introduz o tema da impossibilidade do dizer, do escrever, presente na literatura produzida por escritores que viveram acontecimentos traumáticos. A escritora Yanick Lahens, em seu livro *Failles* (2010), publicado no pós-terremoto, afirma: “Em casa, contento-me em fazer uma lista dos acontecimentos” (2012, p. 57)¹⁰. E se interroga: “O que escrever e como escrever após tal catástrofe?” (2012, p. 79).¹¹

No segundo poema escolhido, a palavra lista ocupará também o espaço do título:

Liste 1

Lumière
Que tu fais
Lisse

Air
Et
Odeur
Transvasante
Des pommes

Lista 1

Luz
Que tu fazes
Lisa

Ar
E
Odor
Transvazante
Das maçãs

¹⁰ Tradução nossa. No original: “À la maison je me contente de dresser une liste des événements.”

¹¹ Tradução nossa. No original: “Quoi écrire et comment écrire après une telle catastrophe?”

Aphasie
Je ne peux
Défaire
Suffisamment de nœuds
Pour te faire une liste

Dehors est là
Pour la rencontre et
L'abandon

Dehors est là
Féroce

Femme de peu de durée

Afasia
Eu não posso
Desfazer
Nós suficientes
Para te fazer uma lista

O fora está aqui
Para o encontro e
O abandono

O fora está aqui
Feroz

Mulher de pouca duração

Este poema, assim como os demais aqui analisados, apresenta uma poética da elipse presente nas rupturas de sintaxe, que causa estranhamento e opacidade: a supressão de alguns elementos, ou o simples não dizer, caracteriza a opacidade de Édouard Glissant, anteriormente mencionada. As duas primeiras estrofes evocam uma percepção sensitiva: uma luz reconfortante, descrita como lisa ou suave, e em seguida o odor das maçãs. O que se segue no poema traz alguns questionamentos, visto que o sujeito lírico afirma “Eu não posso/ Desfazer/ Nós suficientes/ Para te fazer uma lista”.

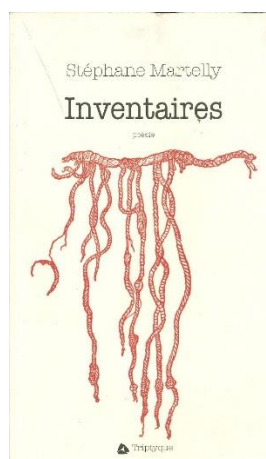


Figura 1. Capa da coletânea de poemas *Inventaires*.

Este verso nos remete à capa de *Inventaires*. Trata-se de um quipu, instrumento composto por cordas e uma série de nós utilizado pelos incas, que servia para a comunicação, para os registros contábeis e para o censo demográfico. (MARTELLY, 2021) Além disso, também era bastante utilizado para os inventários de bens, para a contagem dos rebanhos. A posição dos nós nesse instrumento simbolizava valores numéricos, quantidades. Mas os quipus foram também

utilizados pelos incas como sistema de escrita, para o registro de histórias e cantos em língua quéchua. Imaginávamos que tais nós tivessem mais ou menos a mesma função das listas, contabilizar coisas, até pelo que segue nos versos citados, nos quais o sujeito lírico afirma não poder desfazer nós suficientes para fazer uma lista, o que claramente relaciona as duas formas de contagem, de criação de um inventário.

Mas retomemos alguns versos dos poemas já citados, que aparentemente se contradizem. Primeiro, de “Pourquoi”:

Eu faço listas porque
Eu não tenho tempo

Para projetar um tempo
Escandido
De ordem e de medida

Para o cômputo

Para o inventário das coisas que
Faltam

Em seguida, de “Liste 1”:

Afasia
Eu não posso
Desfazer
Nós suficientes
Para te fazer uma lista

No primeiro, o sujeito lírico diz que faz listas porque lhe falta tempo para “projetar um tempo/ Escandido/ De ordem e de medida”, para “o cômputo”, para “o inventário das coisas que/ Faltam”; no segundo, diz estar tomado de afasia e não poder desfazer “Nós suficientes/ Para [te] fazer uma lista”. Sua poesia diz, ao mesmo tempo, a necessidade, a urgência da escrita poética frente ao vivido e a dificuldade de fazê-lo, quer seja porque o “dentro” torna-se opaco, quer seja porque o “fora” se fragiliza. Quando o sujeito lírico diz que “O fora está aqui/ Para o encontro e/ O abandono// O fora está aqui/ Feroz”, diversas interpretações são possíveis. Uma delas pode-nos ser sugerida pela autora em seu estudo sobre Magloire-Saint-Aude. Segundo Martelly, na poesia de Saint-Aude,

[...] a figuração espacial em sua materialidade hesita entre o fora e o dentro, entre a conquista da forma e a errância. Esta tensão que trama o espaço do poema de Saint-Aude é a causa do desconforto do sujeito que não chega a lugar nenhum, qual um

eterno passageiro cujo espaço estilhaçado conta o dilaceramento. (MARTELLY, 2001, p. 104)¹²

Essa leitura pode ser reforçada pela presença da palavra “Feroz”, que à primeira vista qualifica “O fora” do verso anterior, mas que também pode estar qualificando a “Mulher” do verso seguinte: o sentimento de abandono diante da realidade hostil (feroz) desperta o instinto (feroz) de sobrevivência, que possibilita ao sujeito lírico encarar aquilo que lhe ameaça e ameaça o seu dizer poético.

Martelly fecha seu poema com a expressão que criou para definir a si mesma, e que utiliza inclusive em suas redes sociais¹³: *Femme de peu de durée*, “mulher de pouca duração”. Esse foi um dos elementos que mais nos intrigou na leitura de *Inventaires*. Quando questionada sobre o significado disso, a poeta explicou que acredita que essa expressão seja sobre a precariedade da presença e da voz das mulheres, o fato de estarem sempre “em condicional” ou “por um fio” (MARTELLY, 2021). Martelly definiu a expressão de forma bastante poética, evidenciando as dificuldades de ser mulher em uma sociedade machista, onde o medo é uma constante e é preciso se arriscar e provar a própria capacidade e o próprio valor muito mais do que qualquer indivíduo do sexo masculino.

A autora comentou, inclusive, que considera sua criação, tanto poética quanto teórica e plástica (tendo em vista que ela também é pintora), como uma forma de resistência, já que é uma mulher haitiana negra. Uma forma de resistência não necessariamente no âmbito de produzir um discurso político, mas de existir e tomar esse lugar que é político. E aqui poderíamos associar essa mulher que resiste à ferocidade mencionada no poema.

O terceiro poema intitula-se “Dates”, e estabelece uma linha do tempo das vivências da autora.

Dates

1996-1998 :

Voyage
Aventure
Rencontre
Habiter
Écrire

Datas

1996-1998:

Viagem
Aventura
Encontro
Habitar
Escrever

¹² Tradução nossa. No original: “[...] la figuration spatiale dans sa matérialité hésite entre le dedans et le dehors, entre la conquête d'une forme et l'errance. Cette tension qui trame l'espace du poème saintaudien est la cause de l'inconfort du sujet qui n'arrive pas à être nulle part, tel un éternel passager dont l'espace brisé raconte le déchirement.”

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/stephane.martelly>. Acesso em: 17 jun. 2021.

1998 - 2000:	Retours chimériques	1998-2000:	Retornos quiméricos
2002-2003 :	Traversée Choc Perte	2002 -2003:	Travessia Choque Perda
2003-2005 :	Intraverser Voyage du faux revenir Voyage-exil Voyage-rester Bégaiements	2003-2005:	Intraversar Viagem do falso retorno Viagem-exílio Viagem-ficar Gaguejos
2006-2010 :	Immigration Étrangeté officielle Papiers en main Solitudes Et appartenances Tessitures	2006-2010:	Imigração Estranheza oficial Documentos em mãos Solitudes E pertencimentos Tessituras
2011 :	Terminus	2011:	Terminal
2012-2015 :	Désespérances d’habiter	2012-2015:	Desesperanças de habitar

Neste poema, Martelly organiza sua trajetória pessoal, desde 1996 até 2015, valendo-se de poucas palavras, que sintetizam emoções e vivências, predominando verbos e substantivos. Ao pesquisar sobre a vida da autora, torna-se bastante claro sobre o que se tratariam as palavras atribuídas ao intervalo que compreende os anos de 1996 a 1998, tendo em vista que ela concluiu seu mestrado em Montreal em 1999: a viagem, o encontro, a aventura estão completamente relacionados ao desbravamento de um novo lugar, o viver em um país completamente diferente do que ela nasceu e onde vivia até então.

Sobre o período de 2002 a 2003, ao estudar um pouco sobre os acontecimentos ocorridos no Haiti nesse período, encontramos um Golpe de Militar em 2004, que derrubou o presidente Jean-Bertrand Aristide, eleito em 2001. Mais uma vez, as esperanças de mudanças depositadas em um presidente eleito pela maioria da população caem por terra. [Período associado à “Travessia”, “Choque”, “Perda”, que coloca em evidência que o golpe militar foi outra experiência

traumática para o país.] Mas, essa travessia seria para fora ou para dentro? Essa travessia é uma escolha ou uma obrigação? Um exílio? O período de 2003-2005 começa com um verbo, então uma ação: “Intraversar” que poderia significar “atravessar” e “despejar”, todos os dois designam a passagem de um espaço para outro. Na etimologia do verbo *verser* temos: *versare*, *vertere*, *tourner*. Quanto ao neologismo “Intraverser”, este é formado por “Intra” (de interior) e “versar” (passar de um recipiente para outro). Ou ainda, por “In” + “traverser” que pode evocar um processo subjetivo, um trabalho sobre si mesmo. É importante notar: ele carrega em si a palavra *vers*, podendo sugerir o processo de criação. Porém, “Intraverser” é seguido por “Viagem do falso retorno”, “Viagem-exílio”, “Viagem-ficar” – “Gaguejos”; se encontra associado à uma viagem tripla: de falso retorno (para dentro); de exílio (para fora) e de ficar (permanência). Ou, essas três viagens são seguidas por “Gaguejos”, por um problema da palavra. Essa passagem do poema indica que Martelly se instala ou se exila em um outro país tornando-se uma imigrante permanente, considerando as atribuições dos anos 2006-2010, que indicam “Imigração”, “Estranheza oficial”, “Solitudes”.

Ao cabo das idas e vindas marcadas por “Retornos quiméricos”, “Travessia”, “Viagem do falso retorno”, “Viagem-exílio” e “Viagem-ficar,” nos deparamos com “Desesperanças de habitar”, como se o sujeito lírico vivesse suspenso entre dois espaços, dois territórios que não consegue habitar. A escritora Yanick Lahens nos fala, em seu ensaio *L'exil: entre l'ancrage et la fuite, l'écrivain haïtien* (1990) e em *Littérature haïtienne: urgence(s) d'écrire, rêve(s) d'habiter* (curso inaugural no Collège de France), sobre a situação vivida pelo escritor haitiano e pela escritora haitiana, marcada pelo desejo de habitar o país e sua impossibilidade; vivendo um antagonismo entre o “dedans/dehors”, o “ici et ailleurs”, “l'ancrage et la fuite”, uma espécie de duplo exílio: do interior (do país, da língua) e do exterior. Como o país, os escritores e escritoras haitianas são atravessados por “falhas” produzidas, ao longo da história, por seísmos de toda ordem na origem de uma escrita marcada pela “l'urgence d'écrire et le rêve d'habiter”. Em sua aula inaugural, Lahens afirma:

Como, no impasse que segue essa revolução, esses homens e essas mulheres desapossados, deslocados, desestabilizados linguisticamente, não param de dizer ou de escrever um sonho de habitar, demonstrando através disso que a literatura começa normalmente onde a fala se torna impossível.¹⁴ (LAHENS : 2019, p.8)

¹⁴ Tradução nossa. No original : « Comment, dans l'impasse qui suit cette révolution, ces hommes et ces femmes dépossédés, déplacés, déstabilisés linguistiquement, n'ont pas cessé de dire ou d'écrire un rêve d'habiter, démontrant par là même que la littérature commence souvent là où la parole devient impossible. »

O poema trata-se, como se viu, de uma espécie de relato biográfico em forma de lista. Com a lista, Martelly aparentemente remove o tom lírico comumente encontrado em um poema, assim como também exclui a dimensão narrativa própria do texto biográfico. Haveria uma impossibilidade do lirismo e uma impossibilidade do narrar em face do acontecimento? Com o “Terminal”, abre-se espaço para a desesperança que encerra o poema: esse seria o fim da linha, que resulta em “Desesperanças de habitar”. O poema, que inicia em clima de euforia, com viagens, mudanças, descobertas, aprendizagens, termina em tom disfórico.

Passemos ao poema “Façades”:

Façades

Accotée à cette tectonique
Et tous ces os sans
Position
Tout ce tumulte
Comme si ce n'était rien
Comme si le bruit
N'en était pas
Alors que

On accède
Enfin
Au statut de façade

Ancrage sans pesanteur
Appuyé
Sur le vent

Fachadas

Acostada nesta tectônica
E todos esses ossos sem
Posição
Todo esse tumulto
Como se não fosse nada
Como se o barulho
De nada fosse
Quando

Se atinge
Enfim
Ao estatuto de fachada

Ancoragem sem peso
Apoiada
No vento

Logo no primeiro verso, um sujeito lírico feminino indefinido – “Apoiada nesta tectônica” – descreve sua posição presente no espaço. A palavra “tectônica” pode nos evocar o terremoto e, nesse sentido, a instabilidade e a fragilidade do espaço. Ao final do poema, a ancoragem não tem peso e está apoiada no vento. Este poema é particularmente enigmático. Quem está apoiada na tectônica? Seria a ilha do Haiti? Uma ilha suspensa, ancorada no vento. Esse sujeito feminino indefinido, como que suspenso, torna-se um “on”, um sujeito plural indefinido que acede ao estatuto de fachada, “sem peso”, “Apoiada/ No vento”.

A figuração do sujeito e do espaço neste poema fortemente elíptico parece mimetizar o tremor sísmico em sua manifestação: tremores, ossos sem posição, tumulto, suspensão do tempo e do espaço. Por outro lado, o participípio “Apoiada” poderia referir-se à nação haitiana, e “tectônica”, adjetivo substantivado, referir-se à ilha. Neste sentido, o poema figuraria um espaço e um sujeito

como figuração (fachadas). Porém, essa fachada, assim como o sujeito lírico, estaria sem sustentação, pois a ancoragem é sem peso, apoiada no vento, o que sugere a fragilidade do lugar.

Chegamos, por fim, ao quinto e último poema:

Nouvelles

Si longtemps depuis

Que je n'ai eu des nouvelles

Tout est ancien

Tout s'est déjà

Passé

On commence le décompte

Des morts prochaines

Des disparus

Et des témoins

Désastres à hauteur d'homme

Ce qui est dur à entendre

Et sans doute

Plus à vivre

Notícias

Tanto tempo desde

Que eu não tive notícias

Tudo é antigo

Tudo é já

Passado

Começamos o cômputo

Das mortes próximas

Dos desaparecidos

E das testemunhas

Desastres da estatura do homem

O que é duro de ouvir

E talvez

Ainda mais de viver

Neste poema, o sujeito lírico indefinido começa falando sobre o tempo, sobre o longo período sem notícias, em que tudo lhe parece antigo, já passado. Temos aqui novamente uma indefinição do sujeito, do espaço e do tempo, no qual o “*Depuis*”, da locução conjuntiva “*Depuis que*” [Desde que], encontra-se descolado do “que”. Esses deslocamentos da sintaxe, bem como as indefinições, produzem ambiguidades que permitem ao leitor projetar os diversos acontecimentos marcantes do Haiti. A que acontecimento o poema faz referência? Ao terremoto de 2010? Ou aos “Desastres da estatura do homem”? Ou seja, há tantos desastres (ocupações, golpes, ditaduras, furacões, terremotos) vividos pelo Haiti e pelo povo haitiano, que o presente já é passado – assim como as notícias, quando chegam, e se chegam, já são antigas, já são passado em relação ao acontecimento. O tom do poema é marcado pela constatação de um estado de coisas que iniciou no passado e que se estende no presente, oferecendo uma leitura anacrônica do poema. Como cita Lahens em Falhas: “O Apocalipse já se realizou nessa ilha...”¹⁵

¹⁵ Tradução nossa. No original : “L’Apocalypse a déjà eu lieu tant de fois dans cette île...”

Tentativa de conclusão

Adentrar a poesia de Stéphane Martelly e dispor-se a traduzi-la é um processo lento, até porque, conforme dito anteriormente, é uma poesia marcada por opacidades. Foram necessárias muitas leituras de seus poemas para que se chegasse ao resultado aqui apresentado. Além disso, os epítextos constituídos por sua produção crítica foram muito importantes para apoiar algumas hipóteses de leitura dos poemas. O estudo de Magloire Saint-Aude e do romance haitiano contemporâneo são reveladores de sua poética, funcionando como uma espécie de *mise en abîme* de sua criação (poética e plástica).

Vale destacar que o ato de traduzir poesia – e a poesia de Martelly em específico – exige uma negociação constante com esses aspectos “opacos”, por assim dizer, pensando no conceito de opacidade e no nível de dificuldade que cada poema carrega. Afinal, trata-se de poemas fragmentários, dotados de uma sintaxe elíptica, que exigem a recuperação a partir do contexto. Essa ocorrência de elipses e de rupturas no nível da sintaxe instaura a opacidade, no nível da figuração do sujeito e do espaço. Realizar uma leitura aprofundada para traduzir alguns dos poemas de *Inventaires* e dá-los a ler exige que se saia da zona de conforto.

A autora comentou que, desde o terremoto que atingiu o Haiti, ela pensa sobre o que poderia ser criado para abordar a complexidade de sentimentos que podemos experimentar em meio a um cataclismo (MARTELLY, 2021). Sua poética opta pela expressão da precariedade do sujeito lírico e do espaço figurado.

Inventaires é uma coletânea que envolve uma forte carga emocional, porque fala sobre a memória: como manter vivas, por meio da escrita, pessoas que partiram e coisas que foram destruídas sem deixar vestígios? A forma como ela trata a questão da memória – a partir da opacidade, que funciona como um mecanismo para omitir algumas informações e de produção de silêncios, o que provoca no leitor uma impressão de estranhamento - nos parece uma tentativa de resposta a esta questão. Stéphane Martelly recria sua experiência em poemas fragmentários, com buracos de silêncios, apresentando uma poesia complexa que carrega a identidade de uma nação que luta para combinar o dentro e o fora, o aqui e o exterior, a vida e a morte e que tem dificuldade para se instalar na duração. *Inventaires* é uma excelente leitura para aqueles que desejam conhecer a poesia haitiana contemporânea.

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: PEREIRA, Raquel Ladeira.

Conceitualização, Metodologia, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - revisão e edição: GRANDO, Diego.

Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: PARISE, Normelia M.

Referências

CASTOR, Suzy et al. Les impacts du tremblement de terre du 12 janvier 2010. *Rencontre* : Revue Haïtienne de Société et de Culture, Port-au-Prince, n. 22-23, p. 7-24, juillet 2010. Disponível em: http://www.cresfed-haiti.org/IMG/pdf/RENCONTRE_22-23_LOW-RES.pdf. Acesso em : 8 fev. 2022.

GAUVIN. Lise, *Écrire pour qui ? L'écrivain francophone et ses publics*. Paris : Khartala, 2007.

_____. *L'écrivain francophone à la croisée des langues*. Entretiens Paris : Khartala, 1997.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris : Seuils, 1987.

GILLES, Claude ; PIERRE, Jobnel. L'Inventaire de Martelly. *Le Nouvelliste*, Port-au-Prince, 15 fev. 2016. Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/155404/linventaire-de-martelly>. Acesso em: 17 jun. 2021.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. Pela opacidade. *Revista Criação & Crítica*, tradução de Henrique de Toledo Groke e Keila Prado, São Paulo, n. 1, p. 53-55, 2008.

HURBON, Laënnec. *Comprendre Haiti: Essai sur l'État, la nation, la culture*. Paris: Éditions Khartala, 1987. Disponível em:

http://classiques.uqac.ca/contemporains/hurbon_laennec/comprendre_haiti/comprendre_haiti.html.

Acesso em: 9 de agosto de 2021.

INVENTAIRE. *In: Dictionnaire de l'Académie Française*, 8^e édition (1935). Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A811392>. Paris: Académie Française, 2021. Acesso em: 9 ago. 2021.

LAHENS. Yanick. *Failles*. Paris: Éditions Sabine Wespieser, 2010.

LAHENS. Yanick. *Falhas*. Brasília: FUNAG, 2012.

LAHENS. Yanick. *L'exil: entre l'ancrage et la fuite, l'écrivain haïtien*. Port-au-Prince : Henri Deschamps, 1990.

LAHENS. Yanick. *Littérature haïtienne : urgence(s) d'écrire, rêve(s) d'habiter*. Paris : Collège de France ; Fayard, 2019. Disponível em: <https://books.openedition.org/cdf/7261?lang=fr>

MARTELLY, Stéphane. Entrevista online com a autora. [22 jul. 2021] Entrevistadora: Raquel Pereira. Rio Grande, 2021. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

MARTELLY, Stéphane. *Inventaires*. Montréal: Triptyque, 2016a.

MARTELLY, Stéphane. *Les jeux du dissemblable. Folie, marge et féminin en littérature haïtienne contemporaine*. Montréal: Nota Bene, 2016b.

MARTELLY, Stéphane. *Le sujet opaque. Une lecture de l'œuvre poétique de Magloire-Saint-Aude*. Paris: L'Harmattan, 2001.

SCHULLER, Mark; MORALES, Pablo. *Tectonic Shifts: Haiti Since the Earthquake*. Sterling: Kumarian Press, 2012.